

BREVES REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA EM “CASA VELHA”, DE MACHADO DE ASSIS

Cesar Christian Ferreira dos Santos (UFRGS)
cesarchristian2@gmail.com

RESUMO

Diversos autores do século XIX apresentam em suas narrativas um retrato da sociedade da época, Machado de Assis é um desses casos. Suas obras célebres foram incansavelmente estudadas por críticos e apreciadas pelos leitores comuns. Porém, Machado apresenta algumas obras não tão prestigiadas em relação às possibilidades de estudos que elas apresentam. Entre essas obras encontra-se “Casa velha”, cuja narrativa é envolta em conflitos femininos, onde as mulheres exercem tanto o poder do próprio patriarca, dando continuidade e propagando os valores desse tipo de sociedade, como é o caso da viúva e matriarca da família na obra. A despeito desse poder de mando, as mulheres da narrativa ainda exercem seu poder de sedução e de manipulação das personagens masculinas para conseguirem seus intentos, sejam eles nobre ou não. Nosso objetivo neste trabalho é analisar a construção da figura feminina na obra, seu poder de mando em uma sociedade patriarcal, e, ainda, perceber a obra como um extrato da sociedade brasileira do século XIX.

Palavras-chave:

Construção. Feminina. Sociedade.

ABSTRACT

Several authors, from 19th century, present in their narratives a picture of that time, Machado de Assis is one of them. His celebrate works were tirelessly studied by critics and ordinary readers. However, Machado presented not so prestigious works in relation to the possibilities of studies that they present. Among these works is “Casa velha”, whose narrative is surrounded by female conflicts, where women exercise both the power of the patriarch, continuing and propagating the values of this type of society, as is the case of the widow and matriarch of the family at work. Despite this power of command, the women in the narrative still exercise their power of seduction and manipulation of the male characters to achieve their intentions, whether noble or not. Our objective in this work is to analyze the construction of the female figure in the work, her power of command in a patriarchal society, and, also, perceive the work as an extract from Brazilian society in the 19th century.

Keywords:

Construction. Feminine. Society.

1. Introdução

A literatura brasileira do Séc. XIX apresenta em várias obras figuras femininas com poder de mando, com poderes decisórios sobre a vida

dos filhos, escravos e agregados que circundavam sua área de influência. Podemos citar como exemplo Maria da Glória, que se converte na cortês Lúcia, de Lucíola, da obra de Alencar, que, ainda no romantismo, fazia duras críticas à sociedade da época, como por exemplo o casamento por interesse financeiro. Lúcia, apesar da degradação moral é uma heroína que tem intenções nobres, como a de proteger e dar estudo à sua irmã mais nova, evidenciando a questão da idealização das personagens, que é uma das principais características do romantismo.

No realismo podemos citar o clássico exemplo de Capitolina, a alpinista social que saiu de uma condição subalterna, de filha de empregado de repartição, para senhora de uma rica casa. Vale lembrar que Bentinho nunca teve coragem de enfrentar a mãe para dizer que não tinha vocação para o sacerdócio e só o faz pela pressão e influência que Capitu exerce sobre ele. E, é claro, não podemos deixar de citar na mesma obra a senhora Dona Glória, mãe de Bentinho. A referida senhora era quem administrava sua vida e sua casa de acordo com suas convicções sendo, por exemplo, irredutível quanto à ideia de mandar o filho para o seminário. Mesmo no começo dessas linhas temos então já duas mulheres que destoam de um padrão familiar de poder, onde o patriarcado seria a base do mando.

Afunilando aqui nossas considerações sobre as construções femininas que eram desenhadas em muitas obras do século XIX, tanto no romantismo quanto no realismo brasileiro, Machado de Assis constitui interessante caso de construção de figuras femininas em suas narrativas. Parece ele ter um padrão que se repete em pelo menos duas obras para construir algumas de suas personagens femininas. Não podemos deixar de citar nesta introdução um padrão entre Dom Casmurro e “Casa velha” ao construir as senhoras das casas das respectivas obras. Ambas viúvas e relativamente jovens, ainda na casa dos quarenta anos de idade, que resolveram não mais se casar e tampouco ter amantes ou segundos maridos. Ambas mães de um filho único. Para ilustrar tais afirmações fazemos a seguinte citação sobre Dona Glória:

Ora, pois, naquele ano da graça de 1857, D. Maria da Glória Fernandes Santiago contava quarenta e dous anos de idade. Era ainda bonita e moça, mas teimava em esconder os saldos da juventude, por mais que a natureza quisesse preservá-la da ação do tempo. Vivia metida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um xale preto, dobrado em triângulo e abrochado ao peito por um camafeu. (MACHADO, 2019, p. 8)

Dona Antônia, a senhora da casa velha era descrita da seguinte maneira:

D. Antônia era antes baixa que alta, magra, muito bem composta, vestida com singeleza e austeridade; devia ter quarenta e seis a quarenta e oito anos. (MACHADO, 2019, p. 121)

Evidenciamos até aqui semelhanças físicas, classe social e opções das personagens que as aproximam, porém as semelhanças entre as senhoras estendem-se também às pretendentes dos filhos, tanto em relação ao par amoroso de Bentinho, como em relação ao par amoroso de Felix. As duas moças, Capitolina e Cláudia, eram conhecidas por apelidos, Capitu e Lalau, respectivamente.

Tal fator que à primeira vista pode ser visto como um carinho, mas que talvez seja relevante para esta análise é a questão dos apelidos, que substituem os nomes das moças nas duas narrativas, talvez seja uma maneira de não lhes dar importância a ponto de praticamente nem terem nome, pois o nome de cada uma só aparece uma vez nas duas obras. As duas moças eram também muito jovens com pouco mais de quinze anos e de classe social muito mais baixa que a de seus pretendentes.

Ainda na esteira da comparação o relacionamento delas com os filhos das senhoras não era desejado nem incentivado por estas, que trabalharam efetivamente para que não se concretizasse. Para finalizarmos esta introdução é necessário dizer que “Casa velha” é uma obra anterior a “Dom Casmurro”, ou seja, as mulheres de “Casa velha” influenciaram a construção das mulheres de Mata-cavalos, e não o contrário.

2. A “Casa velha” e suas mulheres

“Casa velha” é um romance de folhetim, publicado entre 1885 e 1886, e, embora tenha sido publicado na fase dita realista do autor, a obra apresenta características românticas, que nos fazem pensar que Machado possa ter reaproveitado escritos anteriores. A narrativa temporalmente está no Período Regencial do Império e ambienta-se em uma casa, já antiga, como o próprio título do livro anuncia, feita pelo avô de Dona Antônia, a senhora da casa, ainda em fins do século XVIII.

Podemos perceber que a “Casa velha” representa um microextrato da sociedade brasileira do Séc. XIX; porém, nessa obra, observamos uma mulher com poder de mando sobre todos os da casa, filho, clero, parentes próximos, agregados e escravos. A influência e o poder dessa mulher eram tão grandes a ponto de ela decidir casamentos, ora o matrimônio na época era uma coisa para a vida inteira, com raras exceções. Sendo as-

sim, quando ela dizia que um casal se casaria, na verdade ela decidia a vida daquelas pessoas subordinadas a ela.

Tal mando dá-se em uma primeira análise, porque ela não delegou para ninguém a gerência das posses herdadas tanto de sua família quanto às herdadas do falecido ministro. Ou seja, ela possuía tal mando pela sua situação senhorial e muitos à sua volta necessitavam de seus favores, como por exemplo a própria Lalau, que teve seus estudos bancados pela senhora. Porém, além do mando ostensivo que influenciava todos que a cercavam, Dona Francisca exerce ainda uma forte influência emocional, pois usa seu papel de mãe e de mulher para ter todos ao seu redor e que todos façam as suas vontades, mesmo que não o saibam, como se fosse um mando subterrâneo e oculto.

Podemos perceber aqui um jogo de sedução cuja vítima é o padre, que se vê envolto entre a vontade de duas mulheres sedutoras. Essas forças antagônicas que coexistem dentro da casa provocando tensões no romance têm o padre como o para-raios, que sem perceber acaba por fazer, em diversas ocasiões, a vontade de ambas. A influência e sedução da senhora dava-se, logicamente pela sua beleza, mas principalmente por sua figura austera e senhorial, pois postava-se diante do padre tal como uma madona encarnada, sóbria em sua vestimenta e nobre no seu porte, representando exatamente os ideais defendidos e mantidos pela Igreja junta à elite econômica do país no Séc. XIX. Dissimuladamente e sem contar seus reais interesses ela pede ao padre para levar o filho a uma viagem pela Europa com o intuito de afastar seu rebento da convivência inoportuna com a moça, no que é prontamente atendida pelo padre.

Machado constrói uma mulher poderosa, e aqui encontramos uma contradição que talvez possa ser proposital na construção da obra, essa figura feminina machadiana representa uma estrutura patriarcal, ou seja, a personagem ajudava a fazer a manutenção daquela estrutura social, não só ajudava como era peça fundamental para que tal estrutura se mantivesse, pois, a casa, unidade familiar era governada pela mulher, mas representando os valores do patriarcado, mesmo com o falecimento do marido a figura deste estava presente no imaginário de todos os da casa, sobretudo a senhora o representava ou o substituíva.

A senhora da “Casa velha” é muito ligada à casa, que é como se fosse parte do que é a mulher em si, pois a casa era da família dela. Mesmo quando o marido fora ministro, ela foi somente duas vezes ao Paço, o papel dela sempre fora o de cuidar da casa, onde ela exercia autoridade sobre todos.

Com efeito, a casa era uma espécie de vila ou fazenda, onde os dias, ao contrário de um rifão peregrino, pareciam-se uns com os outros; as pessoas eram as mesmas, nada quebrava a uniformidade das coisas, tudo quieto e patriarcal. D. Antônia governava esse pequeno mundo com muita disciplina, brandura e justiça. (MACHADO, 2019, p. 110)

Para ajudar em sua governança, após a morte do marido ela manteve tudo como se ele ainda estivesse lá, sem mexer na sua biblioteca e tendo-o enterrado na capela da propriedade. Apesar de sua aparente austeridade, brandura e justiça, D. Antônia é capaz de fazer o mal, de usar da dissimulação para conseguir afastar seu filho de Lalau, pois na verdade ela manipula o padre de tal forma que não é preciso ela dizer nada, o padre apenas vai chegando às conclusões que ela queria que ele chegasse por ocasião da paternidade de Lalau. Essa é uma consideração importante, porque ela aparentemente tinha um casamento muito feliz e acaba por ficar muito decepcionada quando descobre que realmente seu marido teve um relacionamento com a mãe de Lalau. Tal descoberta, serve como um castigo à sua mentira, trazendo características românticas à narrativa.

Lalau por outro lado, contava com a beleza e o frescor da juventude para seduzir e ter suas vontades satisfeitas, tanto que o padre quando se deu conta a amava, amava-a como mulher sim, pois era homem, porém ele nunca teve dúvidas de sua vocação e então, limitou-se a tentar fazê-la feliz. Sabedora de que sua beleza encantava o padre, passou a moça então a manipular-lo para também atingir seus objetivos, fazendo visitas frequentes a ele na biblioteca do ministro onde também jogava seus charmes sedutores para o padre, Machado (2019):

[...] um dia, porém, atreveu-se a entrar às escondidas, e foi ter comigo. Suspendi o trabalho, e conversamos perto de meia hora, sobre uma infinidade de coisas, presentes e passadas [...] Deixei-me ir ao sabor do momento. (MACHADO, 2019, p. 489)

O narrador constrói Lalau como bonita e até certo ponto inteligente, e foi a própria D. Antônia que pagou pelos estudos da moça, que parecia ter concluídos apenas os estudos primários, o que a fazia inculta se compararmos seu nível de instrução com a do padre e de outros homens da época, com a da própria senhora. Suas grandes prendas eram saber ler, escrever, costurar e bordar. Ela achava os livros muito grandes, na verdade não tinha noção nenhuma sobre a profundidade intelectual daquelas obras não raras escritas em italiano, francês e latim.

3. *Considerações finais*

O mando feminino é recorrente em diversas obras da literatura brasileira do século XIX, seja no romantismo ou no realismo deparamo-nos com mulheres poderosas, ainda que esse poder talvez seja restrito às suas propriedades, não se estendendo aos palácios e paços onde residiam o poder político. Digo talvez, porque nunca saberemos a influência que tinha a senhora da Casa Velha sobre seu marido, que na obra fazia parte do Governo Imperial de D. Pedro I, exercendo então o poder político que emanava do imperador.

Questões interessantes sobre o mando feminino em uma sociedade patriarcal surgem a partir do que expomos até agora: “Por que Machado insiste em apresentar em duas obras mulheres com características comuns entre elas?”. Estamos falando aqui de quatro personagens que sabem usar seu mando econômico, seus papéis sociais e tudo isso sem abrir mão de artifícios de sedução. “Seria esse tipo de mando feminino recorrente na sociedade carioca de então?”. Façamos então as relevantes perguntas de Cândido (1980):

[...] qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? (CÂNDIDO, 1980, p. 18)

E aqui seguimos perguntando: “Machado foi influenciado e pintou em suas linhas mulheres poderosas com as quais conviveu ou as viu?”. “Era comum as mulheres do século XIX sobressaírem-se dessa maneira, para também terem a seu modo influência e poder?” Schwarz ajuda-nos com essas indagações ao citar que

O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra da escrita. E com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo [...]. (SCWARZ, 2012, p. 11)

Ou seja, podemos depreender que os tipos de mulheres como a Senhora da “Casa velha” não eram incomuns. O que aparentemente é um dualismo (o fato de uma mulher representar os valores patriarcais) na verdade talvez seja uma prática comum da aristocracia brasileira⁶ de então, herdeira da aristocracia portuguesa.

⁶ Talvez a palavra aristocracia não seja a melhor palavra a ser usada para descrever o extrato social que formava a elite da complicada sociedade brasileira na época do império, que como Schwarz nos diz era burguesa e escravista.

Este trabalho abre espaço para pensarmos na origem social e histórica do mando, do poder que exerciam essas mulheres pertencentes às classes sociais mais elevadas do país. Uma possibilidade seria estudar a origem desse mando por meio da literatura, ou seja, a partir do trovadorismo português, onde a mulher ocupava um papel central e suserânico na poesia, que talvez reflita algum aspecto da sociedade medieval portuguesa, que talvez tenha lançado ecos sobre a sociedade brasileira e portuguesa do século XIX.

Para finalizarmos, também podemos sugerir uma abordagem psicanalítica em estudos posteriores sobre o mando feminino em “Casa velha”, pois “A motivação da sociedade humana é, em última análise, econômica” (FREUD *apud* EAGLETON, 2006, p. 227), ou seja, seu mando emanava a partir de sua condição financeira, mas misturava-se com características inerentes, ou pelo mais evidenciadas, no sexo feminino. Como por exemplo, a questão de D. Antônia querer que o filho se casasse com outra mulher rica pode não ser simplesmente econômica, mas uma maneira de ela não querer romper com o complexo de Édipo, projetando-se na pretendente rica com a qual o filho acabou se casando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

ASSIS, Machado de. *Casa velha*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.

_____. *Dom Casmurro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura, uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.